



LandCRAFT

A arte da Pré-história Recente no vale do Côa

Lara Bacelar Alves | CEAACP - Universidade de Coimbra

O Vale do Côa é conhecido pelo esplendor da Arte Paleolítica exibida nas telas de xisto que ladeiam o curso do rio e pontuam nas canadas que escorrem pelas vertentes. Pese embora a importância destes testemunhos da mais ancestral forma de expressão artística, os vestígios não se circunscrevem à era glacial. O ímpeto de gravar rochas permanece e alonga-se no tempo pelas mãos das gerações vindouras de caçadores-recolectores que se mantêm no vale durante e após a fase mais crítica da transição climática, prolongando-se pelos primeiros milénios do Holoceno. Talvez tenham sido mesmo estes que se iniciam na pintura de figuras animais e humanas de feição sub-naturalista, aguardando a chegada de um movimento que avança desde o Mediterrâneo a par de um novo *modus vivendi*, uma nova forma de estar, apropriar, e ser no mundo relacionada com o advento da agricultura e da pastorícia. Quer aqueles que consideram que a adopção do novo modo de vida se processou num curto período, quer aqueles que advogam uma lenta transição concordam na sua índole revolucionária para o devir das sociedades humanas que o abraçaram. Nesta região, a partir do 6º/5º milénio AC e durante dois mil anos, consolidaram-se os pilares do que viria a ser o nosso mundo. Nunca nada voltou a ser como dantes. E a arte, como espelho, essência e expressão simbólica de uma particular compreensão do mundo, reconfigura-se. Neste ponto da linha do tempo, uma tradição artística marcada por convencionalismos que tendem para a redução das formas aos seus elementos mais simples – a Arte Esquemática - implanta-se em toda a Península Ibérica, exceptuando no Noroeste, onde domina uma tradição artística de feição Atlântica (*vide* J. Valdez-Tullett, neste volume).

Fig. 1 - Abrigo pintado da Ribeirinha visto desde a margem oposta da linha de água.



Na passagem da arte gravada das antigas comunidades de caçadores-recolectores do Vale do Côa, para uma tradição que privilegia a pintura, alguns dos novos sítios eleitos para a sua aposição ocorrem em topografias consentâneas com a tradição paleolítica, outros porém revelam uma escolha de locais sugestivos de novas paisagens e lugares. A Arte Esquemática expande-se, em continuidade com as expressões atribuíveis ao início do Holoceno, para a zona granítica, onde os cursos de água se encaixam entre poderosas escarpas, em pleno contraste com o plácido vale de xisto, a jusante, domínio privilegiado da Arte Paleolítica.

A Arte Esquemática na sua forma pintada surge regularmente no interior de abrigos sob rocha ao longo do Côa e seus afluentes (Fig. 1), constituindo-se uma das maiores concentrações de sítios pertencentes a esta tradição em território nacional. No momento em que se escrevem estas linhas, o inventário contabiliza 29 sítios inventariados, com um total de 67 painéis decorados, dos quais apenas 10 foram total ou parcialmente publicados (e.g. Baptista, 1999; Figueiredo e Baptista, 2013; Martins, 2015).





Foi com o intuito de lançar uma nova luz sobre o devir da arte pós-Paleolítica desta região que foi desenvolvido, entre 2012 e 2014, o projecto *ART-FACTS – uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática do vale do Côa*. Este estudo pioneiro contemplou o levantamento, abertura de sondagens de diagnóstico e registo gráfico das pinturas rupestres presentes em abrigos sob rocha seleccionados com base na sua implantação topográfica e diferente contexto geológico (Alves, *et al.* 2014; Reis, *et al.* 2017).

O projecto, inscrito no plano estratégico do CEAACP, foi desenvolvido por uma equipa exclusivamente constituída por investigadores daquela unidade de I&D que, para além da signatária, integrou João Muralha Cardoso, Mário Reis e Bárbara Carvalho, tendo contado com o apoio logístico da Fundação Côa-Parque e da Associação Transumância e Natureza (ATN). Dele relevam-se os resultados obtidos no sítio de Lapas Cabreiras, onde as sondagens arqueológicas permitiram exumar conjuntos cerâmicos com uma cronologia ampla que se estende desde o Neolítico Antigo (com início nos finais do 6º ou inícios do 5º milénio AC) à Idade do Cobre ou início da Idade do Bronze (finais do 3º e inícios do 2º milénio AC), coincidindo assim com o espectro temporal que se atribui à presença da Arte Esquemática pintada no interior de Portugal. Além disso, o registo gráfico das pinturas permitiu a identificação de 192 motivos individuais na superfície principal cuja singularidade no panorama nacional se prende com a presença de um bom número de sobreposições de motivos estilisticamente distintos, a utilização de diferentes pigmentos e sua ampla gama de cores (vermelho, roxo, laranja), bem como de diferentes técnicas de execução: digitação, pintura com pincel e raspagem com crayon (Reis, *et al.* 2017) (Fig. 2 - próximas páginas).



Fig. 2 - No painel central do abrigo de Lapas Cabreiras, são escassos os motivos passíveis de serem observáveis à distância e à vista desarmada na medida em que as pinturas se encontram, na sua maioria, muito delidas. O ensaio tipológico feito com base na aplicação do plug-in D-Stretch do Image J criado por Jon Harman (<https://www.dstretch.com>) a mosaico fotográfico oferece-nos uma imagem mais completa das diversas composições, da sua diferente coloração e dos múltiplos casos de sobreposição de figuras (seguinte).



O potencial de investigação e valorização destas realidades, atestado pelos resultados obtidos nos abrigos pintados estudados no âmbito do ART-FACTS (Figs 3 a 6), constituiu a principal motivação para candidatura ao concurso para financiamento de “Projectos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico (IC&DT) para a promoção de actividades de I&D de âmbito interdisciplinar e pluridisciplinar a realizar na região do Vale do Côa, classificada pela UNESCO como Património da Humanidade - 2019”, promovido pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Foi, assim, gizado e submetido a concurso o projecto “LandCRAFT – os contextos sócio-culturais da arte da Pré-história Recente no vale do Côa” tendo sido anunciada, no passado mês de Fevereiro, uma avaliação favorável à atribuição de financiamento.

O LandCRAFT, que terá início ainda no curso do corrente ano, pretende avançar de forma decisiva no estudo da contextualização das manifestações artísticas e compreensão da ocupação humana do vale a partir do período de dissolução da milenar tradição artística de época Paleolítica que perdurou quase inalterada até ao início do Holoceno.

O desenvolvimento da investigação tem por base o seguinte questionamento:

- Em que medida as transformações climáticas regionais ocorridas na transição Pleistoceno-Holoceno criaram as condições para a introdução da agricultura?
- Como podemos caracterizar a transição entre a arte dos últimos caçadores-recolectores e a das primeiras comunidades agrícolas?
- Como foram produzidas as pinturas rupestres? Existem diferenças entre as pinturas subnaturalistas e a Arte Esquemática em termos das técnicas de execução, processos de criação de imagens e matérias-primas utilizadas? O estilo subnaturalista pode ser atribuído aos últimos caçadores-coletores ou já aos primeiros agricultores? Quando foi introduzida a Arte Esquemática no vale do Côa e durante quanto tempo se fixou aqui esta tradição?
- Em que medida as sequências diacrónicas propostas para Arte Esquemática se relacionam com as dinâmicas sócio-culturais, percepção da paisagem, estratégias de ocupação e gestão de recursos ambientais, desde a emergência à consolidação das sociedades agrícolas? Até que ponto as evidências materiais e a ocupação de diferentes sítios nos ajudam a compreender o devir das manifestações artísticas?

Fig. 3 (página ao lado) - Lapas Cabreiras 2013. A metodologia de intervenção assentou numa abordagem dialéctica “da paisagem à arte”, que incluiu acções de prospecção arqueológica (em baixo, à direita), escavação de sondagens de diagnóstico (em baixo, à esquerda) e o registo gráfico do acervo de arte rupestre (em cima).

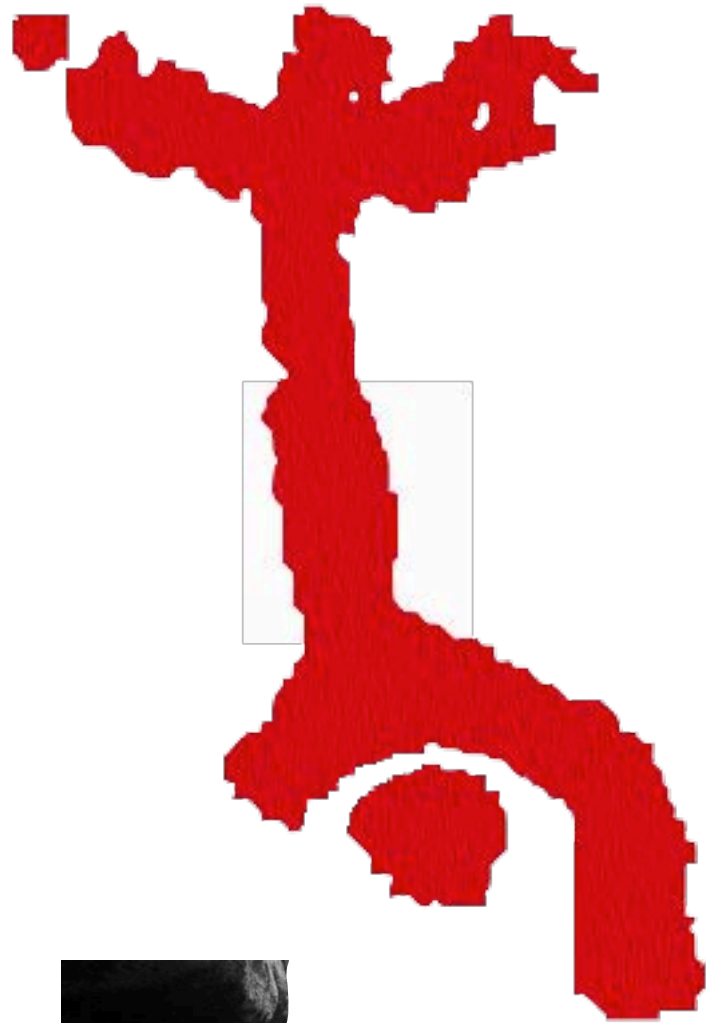






Fig. 4 - O conjunto de abrigos pintados do Colmeal situa-se no interior de uma crista quartzítica, junto à sua base, cortada por uma ribeira. O painel 1 mostra um conjunto de figuras antropomórficas reduzidos aos seus traços mais elementares que tipificam a tradição de Arte Esquemática. Na próxima página, apresentam-se duas imagens do painel 1: à esquerda mostra-se o seu aspecto actual e à direita, a mesma fotografia tratada com o plugin D-Stretch do Image J criado por Jon Harman (<https://www.dstretch.com>) (fotos: Mário Reis).





Fig. 5 - O abrigo do Poço Torto abre-se no fundo de um vale de xisto e ostenta, no painel principal um raríssimo motivo pintado a branco, a par de um soliforme vermelho e de outros motivos esquemáticos (fotos: Mário Reis).

A estratégia de investigação apresenta três pilares fundamentais: a produção de um *corpus* da arte rupestre da Pré-história recente do Vale do Côa, utilizando novas técnicas de registo baseadas no realce digital de imagens multiespectrais, modelação 3D (SfM) e análises físico-químicas de pigmentos; criação de Planos de Gestão de Sítios com base num diagnóstico de Conservação das pinturas, do seu suporte e ambiente circundante; escavação do abrigo de Lapas Cabreiras e outros sítios com vestígios de ocupação do Neolítico/Calcolítico próximos de abrigos pintados; o desenvolvimento de estudos paleoambientais. As actividades serão divulgadas num website dedicado ao projecto que conterá uma base de dados documental da actividade científica, diários de campo, foto-reportagens, vídeos e informações sobre as acções de divulgação e publicações.

O LandCRAFT pretende, desta forma, acrescentar um novo capítulo à História da Arte no vale do Côa, focando-se num período crucial de transformações das comunidades humanas e do território. O projeto trata de compreender as formas como a terra (Land) foi trabalhada (Crafted) ao longo do tempo. A par desta compreensão, procura também refletir e partilhar o modo como o trabalho dos arqueólogos (Shanks & McGuire 1996) se desenvolve no sentido da edificação de um conhecimento acerca das comunidades do passado. Aliando investigadores com um amplo conhecimento da área de estudo, instituições e consultores, assegura a produção de um conhecimento inovador e sua partilha com a comunidade científica e outros públicos.

Fig. 6 (página ao lado) - No registo das pinturas do abrigo da Ribeirinha, que se encontram em muito mau estado de conservação, foi utilizado o mesmo método descrito acima no exemplo das Lapas Cabreiras.



LandCRAFT - TAREFAS

1. O *corpus* da Arte da Pré-história Recente no vale do Côa
2. Escavações arqueológicas e estudos da paisagem
3. Estudos paleoambientais
4. Conservação dos sítios com arte rupestre e planos de gestão patrimonial
5. Análises físico-químicas de pigmentos e datações de radiocarbono
6. Actividades de divulgação no âmbito da ciência cidadã
7. Arquivo, documentário e transferência de conhecimento
8. Publicações

LandCRAFT - EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO

Lara Beirão Amaral Bacelar Alves (IR) – CEAACP/UC

João Carlos Muralha Cardoso (co-IR) - CEAACP/UC

Sérgio Alexandre da Rocha Gomes - CEAACP/UC

Susana Maria Soares Rodrigues Lopes - CEAACP/UC

Mário Reis - Fundação Côa-Parque

Andrea Cristina Rodrigues Martins – UNIARQ/UL

António Pedro Batarda Fernandes – Fundação Côa-Parque

Beatriz Comendador Rey – Faculdade de História/Universidade de Vigo

Andrew M. Jones – Universidade de Southampton

Hannah Sackett – Universidade de Bath

Fernando Carrera Ramírez – Escola de Conservación e Restauración de Bens Culturales de Galicia

Teresa Rivas Brea – Dpto de Enxeñaría dos recursos naturais e medio ambiente/Universidade de Vigo

Isabel M. A. Fonseca – Departamento de Engenharia Química/UC

José Santiago Pozo Antonio – Escola de Enxeñaria de Minas e Energia/ Universidade de Vigo

(BI) Bolseiro de Investigação (Lic. ou Bacharel) | (BI) Bolseiro de Investigação (Mestre)

BIBLIOGRAFIA

Alves, L. B., Cardoso, J. M., Reis, M., Carvalho, B. 2014. ART-FACTS: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa, *CôaVisão*, no 16: 101-106

Baptista, António Martinho 1999. No tempo sem tempo: a arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Figueiredo, S. S., Baptista, A. M. (2013). “A Arte Esquemática Pintada em Portugal”. En J. Martínez & M. S. Hernández (coord.). *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en La Península Ibérica*. Vélez-Blanco Málaga, 2010. Vélez-Blanco, pp. 301-316.

Martins, A. (2015). “E no Médio Côa? A arte esquemática que ainda resiste: o Abrigo do Ribeiro das Casas (Almeida)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, pp. 41-54.

Reis, M., Alves, L. B., Cardoso, J. M., Carvalho, B. 2017. Art-facts – os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa. In Garcês, S., Gomes, H., Martins, A. e Oosterbeek, L. (eds), *A Arte das Sociedades Pré-históricas (Actas do IV Congresso de Doutorandos e Pós-doutorandos, 26-29 de Novembro, Mação, 2015)*, *Techne* 3 (1): 97-111

Shanks, M., McGuire, R. (1996). The Craft of Archaeology, *American Antiquity*, 61 (1): 75-88